

CCB

**ISTO NÃO É
UM CONCERTO!
ORCHESTRUTOPICA**

GILLES GOBEIL

JOANA FERNANDES GOMES

JOSÉ JULIO LOPES

JOSE LUIS FERREIRA

MIGUEL CARDOSO

NICOLAS BERNIER

PAULO FERREIRA-LOPES

PEDRO BITTENCOURT

PEDRO PATRICIO

RITA TORRES

RICARDO GUERREIRO

VINCENT WIKSTRÖM

VITOR JOAQUIM

Isto não é um concerto!

OrchestrUtopica

30 JAN

PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO

21H

SEM INTERVALO

PROGRAMA

Writing machines NICOLAS BERNIER

Limits / Capacities JOSÉ LUÍS FERREIRA

O mostrengo RITA TORRES

Treatise (pag 21 & 22) CORNELIUS CARDEW

La gageure – excerto da obra – Le Contrat GILLES GOBEIL \ RENÉ LUSSIER

Três peças do livro da escuridão PAULO FERREIRA-LOPES

Skyping #2 OBRA COLECTIVA

Verschwinden JOSÉ JÚLIO LOPES

Miguel Cardoso LAPTOP

Pedro Bittencourt SAXOFONES

Pedro Patrício LAPTOP

Ricardo Guerreiro LAPTOP

Vincent Wikström IPULSEGUITAR

Vitor Joaquim LAPTOP

Isto não é um concerto! 78.º concerto

CONCEPÇÃO E DIRECÇÃO ARTÍSTICA DO PROJECTO > PAULO FERREIRA-LOPES \ JOSÉ JÚLIO LOPES

DIRECÇÃO > PAULO FERREIRA-LOPES

PRODUÇÃO EXECUTIVA > ORCHESTRUTOPICA

MEDIA ARTISTS \ REALIZAÇÃO DE VÍDEO > JOANA GOMES

DESENHO DE LUZES > JOSÉ RAMALHO

CO-PRODUÇÃO > CCB \ ORCHESTRUTOPICA ORQUESTRA EM RESIDÊNCIA NO CCB

EM COLABORAÇÃO COM > CITAR (UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA)

UNIVERSIDADE DE KARLSRUHE – DEPARTAMENTO DE MÚSICA E INFORMÁTICA

CONTEÚDOS, TRADUÇÕES E ADAPTAÇÃO DE CONTEÚDOS > OU \ CRÉDITOS DA OU E/OU DOS AUTORES IDENTIFICADOS

ISTO NÃO É UM CONCERTO! ©© (INCLUINDO TEXTOS), 2009, ORCHESTRUTOPICA ACSFL



O que é isto (se isto não é um concerto)?

Em 1929, o pintor René Magritte apresentou um quadro intitulado “La Trahison des Images” (*a traição das imagens*), representando um cachimbo e a inscrição “ceci n’est pas une pipe” (*isto não é um cachimbo*). Esta representação puxava para dentro de si a ordem da linguagem e do discurso ligando signos verbais e elementos plásticos – no que contrariava, desde logo, o modo da pintura clássica –, criando um paradoxo (Michel Foucault) activo originado pela semelhança da imagem com o objecto e pela negação enunciada pelo caligrama inscrito na pintura.

De certa forma, o “Ceci n’est pas une pipe” de Magritte corresponde a um gesto escandaloso e extraordinário de mesmerização da obra. Esta estratégia de auto-referenciação e um inesperado golpe meta-linguístico é que se constituem como elementos realmente inspiradores para o concerto de hoje que, num gesto meta-musical, se apresenta como não sendo... um concerto.

Partimos de uma ideia óbvia: a música não foi sempre como a conhecemos. Nunca é demais sublinhar a evidência deste aspecto elementar, sobretudo numa época de mutações aceleradas. E como nem sempre foi assim, nada garante que continue a ser como a conhecemos. E hoje, a música já está a mudar. E em muitos aspectos a música já é outra.

No futuro, a arte será “ópera”

À falta de melhores (e mais cultos) fundamentos, a nossa era identifica Wagner como origem da ideia de agregação das artes – como originador, por exemplo, da ideia de multimédia que tanto é usada no universo da informática, como no do espectáculo (sendo a sua *Gesamtkunstwerk* uma espécie de modelo proto-multimédia). Mas, Wagner, por sua vez, ancorava as suas ideias sobre o futuro das artes (e sobre a obra de arte do futuro), no passado longínquo da Grécia antiga: nas ideias de sincretismo na arte e na filosofia gregas. Donde, também

nos nossos dias é, na verdade, aos gregos que a ligação se deve fazer. Wagner sonhou uma união idealizada de todas as artes, através do efeito *totalizador*, sintetizador ou agregador do drama musical, visando uma *ligação* à totalidade da experiência humana (note-se que os conceitos de *ligação*, *experiência* e *totalidade* viriam a ser determinantes no curso do desenvolvimento das novas tecnologias digitais). Só através da *integração* seria possível atingir o poder expressivo e comunicativo capaz de transformar o teatro-musical num activo veículo transmissor de cultura e de *comunhão humana*. Wagner introduziu a expressão *Gesamtkunstwerk* (obra de arte total) que seria a obra de arte do futuro: ou seja, a obra de arte do futuro seria... *ópera*. No século XX artistas de várias disciplinas continuaram este desejo de agregação. O *Manifesto Futurista*, de Marinetti proclama o cinema como a arte suprema, porque abraça nele todas as artes (tal como Sieberberg e outros que viram no cinema a concretização da obra de arte do futuro): só o cinema teria na consciência humana um efeito totalizador. Pouco tempo depois Moholy-Nagy, descrevendo o teatro da Bauhaus, proclamava, retirando a ênfase do actor e do texto, que só a síntese das formas essenciais do teatro (espaço, composição, movimento, som, luz) num todo orgânico, poderia dar conta da totalidade da experiência humana. Não por acaso, foi também um compositor (heterodoxo), John Cage, que teve um papel de importante catalizador do continuado esforço de destruição das fronteiras entre as artes. Com as suas performances de *colaboração* entre as artes introduziu também os conceitos de *indeterminação* e *acaso* na composição musical. Com Rauschenberg e Jasper Johns, Cage propunha uma experiência musical/dramática que levava ainda mais longe a dissolução das fronteiras entre as artes. A influência de Cage viria a ser decisiva para as gerações seguintes de compositores

e artistas. As suas ideias de indeterminação e acaso foram essenciais, por exemplo, nas experiências de dissolução de um outro elemento básico: a divisão entre (obra de) arte e público. Allan Kaprow, Dick Higgins e Nam Jun Paik são alguns dos artistas que levaram mais longe a influência de Cage, desenvolvendo formas não tradicionais de concerto em que desafiavam já as ideias geralmente aceites de forma, categorização (estética) e composição levando à emergência de géneros *sui generis* como o *happening*, o teatro electrónico, a *performance art* e a instalação interactiva.

Kaprow, aliás, defendia o esbatimento progressivo da distinção entre obra de arte e público: o cúmulo da integração das artes haveria de ser um acontecimento sem público, porque cada participante seria ele mesmo uma parte integrante da obra de arte – a linha de separação entre arte e vida deveria ser cada vez mais diluída. Eis pois uma curiosa coincidência entre o romantismo tardio de Wagner e a vanguarda do século XX: a ideia de que a arte deve ser vida (e que influenciou muitos artistas, nomeadamente, Joseph Beuys) e não apenas uma mera representação da vida. Mas não eram só os artistas a desejá-lo e a fazê-lo. Sucessivas gerações de artistas mas também de engenheiros em associação (o engenheiro Billy Klüver e o artista Robert Rauschenberg em *Oracle 1963/65*, por exemplo) têm vindo a interferir com o curso das artes e da música. Sem dúvida esses esforços enlaçam-se na ideia de “integração”, “agregação” e “re-união” das artes e em estratégias de interdisciplinaridade que têm encontrado os mais inesperados encontros, aliados e afinidades... desde computadores pessoais, ao conceito de multimédia, desde a realidade virtual aos mega concertos de Madona, desde a composição assistida por computador à interactividade, desde o hiper-texto aos hiper-instrumentos, desde os laptops à nova ópera... São pois novos os caminhos: de um renovado

>

encontro entre a velha Tecne (grega) e a arte (em que o artista é também um engenheiro e o engenheiro um artista); de um reposicionamento da arte na vida; da anulação das velhas fronteiras entre artes e entre criação e recepção.

A experiência da imersão

É o dinamismo dialéctico das transformações operadas e em curso nas artes e na música que é o centro deste *concerto que não é um concerto*. O desenvolvimento exponencial das novas tecnologias permitiu a utilização alargada de novos meios permitindo concretizar, hoje, sonhos antigos de fusão de artes, de dissolução de fronteiras, de destruição de barreiras (entre artistas e público). E uma boa parte da experiência contemporânea aponta já consistentemente para um mundo novo de relação com as artes (a sua criação e produção e a sua recepção).

Na verdade, bastaria notar uma estratégia comum entre a indústria do entretenimento e a investigação tecnológica que promete uma nova utopia às massas: romances que todos podem escrever, música que todos podem compor e tocar, cinema que todos podem realizar... a multiplicação de *devices*, *gadgets* e *displays* que permitem uma apropriação universal da expressão artística e, assim, prometem uma dissolução definitiva das esferas tradicionalmente separadas dos artistas e do público. Ou seja, a democratização de uma categoria até agora unicamente da ordem transcendente do *dom*: o talento artístico. As aspirações ideais e ideológicas destas tendências tiveram como resultado a emergência de novos media que enfatizam a escolha individual, a livre associação e a expressão individual. Hiper-instrumentos que não precisam de anos de treino e estudo para poderem ser meios de expressão, uma miríade de sensores e formas técnicas de captura e manipulação da sensibilidade (estética), formas cada vez

mais sofisticadas de tornar discretas as máquinas que *entremeiam* (os media) a criação e a produção de obras de arte (cada vez menos isoláveis da experiência da vida), etc. Um admirável mundo novo, que se promete.

Mas, mais que uma promessa, esse mundo já existe. Essa nova música já existe. Mas é uma música que mais do que fazer-se ouvir, se dá à experiência. A experiência da imersão e da participação na obra.

Experiência estética – experiência da sensibilidade

A música não soou sempre ao que soa hoje. Hoje há muitas músicas e ideias sobre a música, muitas ideias sobre o que *deve ser* música. Hoje, coexistem as músicas da indústria musical com a vanguarda, as músicas do arquivo do passado com as linguagens do contemporâneo... É uma experiência historicamente única e determinada. E, dado que somos contemporâneos e protagonistas dessas mudanças, sabemos que a proposta de “Isto não é um concerto!” faz apelo a uma fruição activa que é mais da ordem da experiência estética (da sensibilidade) do que passividade da recepção convencional. Noutros concertos (BMC-NYC, jan 08) apresentámos obras seminais de Cage, Feldmann, Earl Brown e outros, correspondendo ao desejo consistente de revelação e reactualização desses gestos iniciais. Neste programa, é uma nova linha de propostas enquadrada no movimento contemporâneo (que é herdeiro desses primeiros *desreguladores*) que se mostra. O improvisado, a indeterminação, a transformação electrónica em tempo real, a experiência musical aberta e partilhada são a marca deste acontecimento pensado como uma *totalidade*. Nele tomam parte também alguns instrumentos novos ou não convencionais (IPulseGuitar, Laptops, etc), permitindo um leitura radicalmente contemporânea...

Isto não é um concerto?

1.

O concerto, como evento e como forma de materialização da expressão musical, é definido por um conjunto de regras e de procedimentos que remontam ao século XVIII, repito século XVIII (!). Ou seja, a criação musical no século XX, particularmente nos últimos 20 anos, caracteriza-se – com pouquíssimas excepções, Cage, Stockhausen – por uma das maiores contradições imagináveis no âmbito da criação artística: a separação entre a forma e o conteúdo da obra musical.

Neste contexto, muito embora a obra musical e a expressão artística tenham mudado quase que radicalmente, o compositor e os músicos em geral aceitaram numa atitude de conformação: a apresentação da sua obra e da música em geral numa forma semelhante à forma do concerto nos séculos XVIII e XIX. Esta atitude, revela, por um lado, uma enorme falta de autoridade moral por parte do criador, e, por outro lado, uma incapacidade de mudar as estruturas sociais (e até mesmo económicas) do modelo de difusão e de realização da obra musical: a orquestra, a sala de concerto, a atitude do intérprete, etc... A falta de autoridade moral deriva essencialmente do facto de o artista se demitir constantemente numa missão que lhe é conferida pela emancipação da sua condição – final século XIX – e que consiste na mensagem de subversão e de resistência que a obra de arte deveria possuir.

A questão residual que se coloca, sobretudo aos mais reticentes: ... “ mas deveria efectivamente o modelo de concerto ou de difusão da obra musical mudar” ...? A minha resposta, particularmente aos programadores e aos directores artísticos é: SIM... ou será que não chegam ainda os resultados desastrosos que se verificam na formação e na motivação do público para assistir aos concertos de música contemporânea?

>

2.

O final do século XX, especialmente devido aos desenvolvimentos dos meios de comunicação e de informação, modificou de forma acentuadíssima a capacidade de percepção e a recepção das formas de expressão visuais e sonoras.

O advento do “digital” permitiu que cada um de nós pudesse fruir de forma singular a obra de arte, pois a tecnologia permitiu a replicação da obra, nascendo assim o conceito da democratização e individualização do “coleccionismo de arte” e do usufruto íntimo da obra. Nesta perspectiva e particularmente em eventos musicais públicos, a complexidade da obra e as suas características de inter-relação e correlação com expressões e formas múltiplas de percepção, levaram o artista a integrar outros meios – designadamente a imagem – num contexto de explicitação de uma expressão ou representação humana. Esta complexidade e conjugação de diferentes fontes de representação e a agregação da expressão artística irá procurar uma forma de estabilização da obra através de um processo usual ao modelo do concerto do século XVIII e XIX: a encenação. Todavia, enquanto que a encenação do concerto nos séculos XVIII e XIX consistia em aspectos exógenos à obra de arte – a indumentária do músico, os comportamentos sociais do aplauso ou da pateada, a sacralização do intérprete, etc... – no século XXI a encenação irá concentrar-se em aspectos endógenos à obra: a revelação da micro dimensão da matéria sonora, a sua visualização – tanto pela proximidade do intérprete com o público, como a tradução recorrente pela imagem visual – a singularização da obra e a sua contextualização ambiental, com o recurso às tecnologias do teatro e de iluminação, tolerabilidade e personificação da percepção/recepção, integração individualizada do público na sala, na obra e na sua escuta pela possibilidade de se movimentar dentro do espaço de realização da obra, etc...?

3.

A relação da forma com o conteúdo de *Isto não é um concerto!*, assenta numa escolha de obras que, por si só, procuram revelar, através do seu conteúdo, um inteligibilidade intrínseca da sua expressão. No caso das obras acusmáticas, elas representam as tendências estéticas e orgânicas de uma nova geração de artistas, preocupados com aspectos de encenação sonora e, de alguma forma, de uma visualização virtual das suas expressões. Basta referenciar Bernier e Gobeil como discípulos de Duhmont, o “inventor” do “cinema para ouvir”. Nas obras instrumentais e mistas procurou-se essencialmente uma diversidade estilística que permitisse materializar tendências para uma atitude de integração (e consequentemente de maior abertura) com o objectivo de aproximar às formas de expressão mais tradicionais com expressões mais alternativas. Se, de alguma forma dúvidas ainda restassem de que o que esta noite vos propomos – com entusiasmo, genuinidade, mas sobretudo com enorme generosidade e abertura – não é um concerto, então basta-me-ia evocar a consciência daquilo que não quero, com as palavras de Régio: «Não sei por onde vou, Não sei para onde vou. Sei que não vou por aí!»

PAULO FERREIRA-LOPES



Cornelius Cardew

COMPOSITOR | 1936-1981

Treatise [pag 21 & 22]

1963-1967

Cornelius Cardew começou muito cedo a sua vida musical como coralista na Catedral de Canterbury. Entre 1953-57 estudou piano e violoncelo com Percy Waller e composição com Howard Ferguson na Royal Academy of Music (RAM) tendo obtido uma bolsa para estudar música electrónica em Colónia durante um ano, antes de se tornar assistente de Stockhausen (1958-60). Como músico e organizador de concertos foi responsável por muitas primeiras apresentações com Richard Rodney Bennett na RAM incluindo “Structures” de Boulez, bem como a música de Cage, Stockhausen, La Monte Young, Terry Riley, Wolff, Rzewski, e muitos outros. Estudou com Petrassi (1965) e foi eleito “Fellow of RAM” e, depois, nomeado Professor de Composição. Estava também associado ao Centre for Creative and Performing Arts na State University de Nova Iorque entre 1966-67. Era membro do grupo de improvisação livre AMM e formou, com Howard Skempton e Michael Parsons, a Scratch Orchestra – um grupo de música experimental.

Fez também parte do grupo Peoples Liberation Music com Laurie Scott Baker, John Marcangelo, Vicky Silva, Hugh Shrapnel, Keith Rowe e outros, o qual criava música para servir o movimento popular participando musicalmente em muitos acontecimentos políticos da época. Ao mesmo tempo dedicava-se a escrever artigos de análise e crítica tendo como objecto o estado da música e sobre o que tinha feito anteriormente. Desse trabalho resultou um livro que expõe uma autorcrítica ao seu trabalho e uma crítica ao trabalho de Cage e Stockhausen. Esse livro tem o título “Stockhausen Serves Imperialism”.

Foi fundador do Partido Comunista Revolucionário de Inglaterra (marxista-leninista) em 1979.

Cornelius Cardew era largamente reconhecido, em Inglaterra e um pouco por todo o mundo, não só pela sua música vanguardista mas também como compositor político e pelas suas posições na música contemporânea. Morreu tragicamente em 13 de Dezembro de 1981 atropelado por um condutor que se pôs em fuga, em Leyton, East London.



Gilles Gobeil

COMPOSITOR | 1954

La gageure excerto da obra – Le Contrat

1996-2003

Possui o mestrado em composição da Universidade de Montreal. Desde 1985 dedica-se à música acusmática e à música mista. As suas composições pertencem a um tipo a que chamou “cinema para os ouvidos”. Inúmeras das suas peças são inspiradas em obras literárias, as quais tenta, por sua vez, dar a ver através do som.

Gilles Gobeil recebeu inúmeros prémios nacionais e internacionais, incluindo os concursos Ars Electronica (Áustria), Bourges (França), Stockholm Electronic Arts Award (Suécia), CIMESP (Brasil), Métamorphoses (Bélgica), Ciber@rt (Espanha), Luigi-Russolo (Itália). O seu disco *Trilogie d'ondes* recebeu o Prémio Opus 2004-05 (Disco do Ano) do Conseil Québécois de la Musique (CQM).

Recebeu encomendas de obras de Codes d'Accès (Montreal), empreintes DIGITales (Montreal), Groupe de Musique Expérimentale de Bourges (França), Musiques & Recherches (Bélgica), Réseaux des arts médiatiques (Montreal), Société Radio-Canada, Zentrum für Kunst und Medientechnologie (ZKM, Alemanha), e dos intérpretes Suzanne Binet-Audet, René Lussier e Arturo Parra.

Foi compositor-em-residência no Banff (Canadá, 1993 e 1995), Bourges (França, 1991), GRM (França, 1993), ZKM (Alemanha, 2005, 2006, 2007) e compositor convidado do programa DAAD (Alemanha, 2008).

Gilles Gobeil é professor de tecnologias musicais no Collège de Drummondville e foi professor convidado de composição electro-acústica na Universidade de Montreal (2005-06) e no Conservatório de Música de Montréal (2007). É membro da Communauté électro-acoustique canadienne (CÉC), compositor agregado do Centre de musique canadienne (CMC) e co-fundador de Réseaux, um organismo dedicado à produção de acontecimentos artísticos com novos media.

>



Joana Fernandes Gomes

MEDIA ARTIST \ 1984

vídeo

Nasceu em São Paulo, Brasil e fez a Licenciatura em Som e Imagem e o Mestrado em Artes Digitais na Universidade Católica Portuguesa. Tem-se dedicado à investigação no Centro de Investigação de Tecnologia e Arte (CITAR) e foi colaboradora da Escola das Artes da UCP na organização da 4.ª Conferência Internacional em Artes Digitais (Artech). Estagiou no Music and Technology Group, um centro de investigação da Universitat Pompeu Fabra, em conjunto como os criadores da reacTable num projecto proposto durante um *workshop* que frequentou na UCP. Teve trabalhos expostos nos Maus Hábitos (um espaço de intervenção cultural na cidade do Porto, Portugal) e na Culturgest, em Lisboa.



José Júlio Lopes

COMPOSITOR \ 1957

Verschwinden

2009

Nasceu em Lisboa, começando por compor música de cena. Actualmente, o seu catálogo inclui música para orquestra de câmara, instrumental, vocal e coral, voz e piano, electro-acústica e ópera. Estudou piano (com Teresa Menéres e Nuno Vieira de Almeida) e formação musical (AAM); composição com Fernando Lopes-Graça, Christopher Bochmann, Carlos Caires e António Pinho Vargas; participou em *masterclasses* e seminários de composição de Emmanuel Nunes na FCG (Lisboa) e Franco Donatoni na Royal Academy of Music (Londres). José Júlio Lopes também completou um mestrado em Ciências da Comunicação (UNL) e prepara actualmente o doutoramento («música, drama, novas media: a ópera do futuro» – Universidade Nova de Lisboa); é professor universitário e é também investigador no CESEM (UNL).

Na sequência do seu trabalho inicial de composição

para teatro (tendo trabalhado com encenadores como Filipe La Féria, São José Lapa, Alberto Lopes, Norberto Barroca, Jorge Castro Guedes, Carlos Fogaça, entre outros), interessou-se pela ópera e projectos de teatro musical, o que contribuiu para influenciar a sua convicção de que «a música contemporânea é essencialmente dramática». Em 1986 apresentou «AVERROES», uma obra de teatro musical multimedia, baseada num conto de Jorge Luis Borges. Depois desta experiência, em 2000, compôs «NEFERTITI», uma ópera-teatro (que também encenou e de que foi co-autor do libreto; e que co-produziu com o TN D. Maria II e o Teatro da Trindade, subsidiada pela SEC). A sua música é regularmente apresentada e interpretada por importantes artistas, grupos e ensembles em concerto. Recentemente apresentou «Ein Bahn Str – a small drama after RM Rilke» – para soprano, piano e 10 contrabaixos (Contr'Orchestra, Lúcia Lemos, Elisabeth Davis, CCB PA, 03); «PYR – para orquestra de câmara» (OU, Tapio Tuomela, CCB GA, 03); «Magma» (OU, Cesário Costa, CdM Porto, concerto de inauguração, Abr, 05); «SpaceCtrl – para orquestra de câmara» (OU, Cesário Costa, Dresdner Musik Festspiele, 05); «Dazibao» – para percussão solista, flauta, clarinete, piano, violino e violoncelo (CULTURGEST, Set 06, Jean-Sébastien Béreau, maestro; Elisabeth Davis, percussão); e «Videowall [muro da vergonha]» – micro-drama para trompete solo e electrónica em tempo real (CCB PA, Festival Música Viva, Out 06, António Quitalo, trompete solista). Em Dezembro de 2007 apresentou na CULTURGEST a sua última ópera, «W» (Tapio Tuomela, dir). Projectos futuros incluem a estreia de «X-Acto» para orquestra e de «Underscore» para ensemble; «Blow up» (quinteto de sopros); e duas novas encomendas: «Marimbach» (duas flautas de bisel e marimba) e «Void» (clarinete e piano). Foi fundador e é director artístico da ORCHESTRUTOPICA.



José Luís Ferreira

COMPOSITOR \ 1973

Limits / Capacities

2008

Skypping # 2

2009

Doutorando em Informática Musical, pela Universidade Católica do Porto. Licenciado em composição (2001) pela Escola Superior de Música de Lisboa

(E.S.M.L.), sob orientação de Christopher Bochmann, António de Sousa Dias e António Pinho Vargas.

Paralelamente ao curso de composição, assistiu a seminários e *workshops* de diversos compositores, nomeadamente, Emmanuel Nunes, Salvatore Sciarrino, Jean-Claude Risset, John Chowning, Per Anders Nilsson, Trevor Wishart e André Bartetski.

A sua música, para diversos tipos de grupos instrumental e vocal com e sem electrónica, tem sido executada por diversos agrupamentos portugueses (Remix Ensemble, ORCHESTRUTOPICA, Sinfonietta de Lisboa, Coro Ricercare, Saxofinia).

Em Abril de 2001 a peça electroacústica «Le bruit d'une tête qui frappe contre les murs d'une très petite cellule» foi premiada no concurso de composição de música electro-acústica do Festival Música Viva.

Ao nível da assistência musical, tem colaborado com vários compositores, intérpretes e ensembles (Francisco Monteiro, João Madureira, Luís Tinoco, José Júlio Lopes, OU). É professor na Faculdade de Belas-Artes (F.B.A.U.L.) da disciplina de Práticas do Som; é professor coordenador e responsável pelo plano curricular do curso de Produção e Tecnologias da Música da Escola Técnica de Imagem e Comunicação (E.T.I.C.).



José Ramalho

ENCENADOR \ MARIONETISTA
ACTOR \ DESENHO DE LUZES \ 1962

desenho de luzes

Nasceu em Lisboa e desenvolve a sua actividade profissional como actor, marionetista e encenador.

Actualmente frequenta o Mestrado em Práticas Culturais para Municípios (FCSH, Universidade Nova de Lisboa). Frequência Licenciatura (2.º ano) Estudos Artísticos – Artes do Espectáculo da FL, Universidade de Lisboa. Especialização em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Formação Teatral com Joel Constantino, Adolfo Gutkin, Georges Stoabbaerts, Carlo Bengio, Paul St. Jean, Filipe Crawford, Heloisa Machado, Eugenio Barba e José Dias.

Formação em Teatro de Marionetas com Jorge Gonçalves, Mane Bernardo, Vítor Valente, Kermit Love, Marcel Viollette, Geneviève Vedrenne, Koryo Nishikawa e Toru Saito. A formação foi realizada em Portugal e em França no Institut de la Jeunesse,

Paris e na École Supérieure des Arts de la Marionnette, Charleville-Mézières.

Pertence à Companhia Marionetas de Lisboa desde 1985, como actor-marionetista nos espectáculos «O Romance da Raposa», «Auto da Barca do Inferno», «Histórias de Hakim», «D. Quixote e Sancho Pança», «Auto da Índia», «História Trágico-Marítima», «A Travessia», «A Dama Pé-de-Cabra», «Histórias Contadas», «Contos do Mundo» e «O Conto de Natal». Como encenador dirigiu os espectáculos «A Travessia», «A Dama Pé-de-Cabra», «Histórias Contadas», «cid», «A Torre do Mar», «A Rua dos Fantasmas», «A Cidade da Harmonia», «o patafísico», «Cinderela Já Não Mora Aqui», «Separar é Contigo», «Contos do Mundo», «Kama Sutra», «Auto da Barca do Inferno» e «O Conto de Natal».

Encenador das óperas «O Retábulo de Mestre Pedro» de Manuel de Falla, «Geneviève de Brabant» de Erik Satie e «Così fan tutte» de Mozart.

Director de Marionetas nas óperas «A Flauta Mágica» de Mozart na Cidadela de Cascais e «As Guerras de Alecrim e Mangerona» de António José da Silva no Centro de Arte Moderna e no Teatro Nacional D. Maria II e «O Empresário» de Mozart no Palácio Nacional de Mafra.

Como actor participou nos filmes «O Judeu» e «Cine Tapuia – 400 anos do Siará». Participou em programas de televisão como actor-marionetista. Em 1992-93 apresentou na RTP1 o «Canal Jovem». Consultor do Ministério da Educação – Programa Gestão das Artes 11.º ano. Co-autor do Programa Gestão das Artes 12.º ano – diurno e recorrente.

Director Artístico da Companhia Marionetas de Lisboa. Director Técnico do Centro Cultural e Congressos das Caldas da Rainha.



Nicolas Bernier

1977 \ COMPOSITOR

Writing machines

2005

O compositor canadiano Nicolas Bernier, nascido em Otava, descobre a criação musical através da sua relação com a música popular. A sua curiosidade leva-o rapidamente à composição electro-acústica que aborda de formas diferentes: acústica, electrónica ao vivo, instalação, vídeo, música para dança, teatro e cinema. Dentro do seu ecletismo permanece

cem alguns elementos: um equilíbrio entre cerebral e sensual, bem como entre materiais orgânicos e tratamento digital. Trabalhando inúmeras vezes em colaboração com outros artistas o seu trabalho pode ser ouvido em obras da coreógrafa Ginette Laurin, do encenador Denis Marleau, do guitarrista Simon Trottier, bem como dos artistas sonoros Delphine Measroch, Alexis Bellavance, Érick D'Orion, Jacques Poulin-Denis e Hélène Prévost para nomear apenas alguns. Em 2006, funda o micro-organismo Ekumen. Em 2008, assume a direcção artística da sociedade de concertos electro-acústicos Réseaux.

Recebeu diversos prémios em concursos e as suas obras têm sido difundidas em acontecimentos internacionais como AKOUSMA (Canadá), Mutek (Canadá), DotMov Festival (Japão) e Transmediale (Alemanha).



Paulo Ferreira-Lopes

COMPOSITOR \ 1964

Três peças do livro da escuridão

2007

Skypping # 2

2009

Entre 1988 e 1991 estudou composição em Lisboa com Constança Capdeville. Em 1994 Paulo Ferreira-Lopes foi para Paris onde, entre 1995 e 1997 estudou composição com Emmanuel Nunes, Antoine Bonnet e Computer Music com Curtis Roads. Em 1996, concluiu o Mestrado em Composição na Universidade de Paris VIII sob orientação de Horacio Vaggione. Prosseguindo nesse ano ainda estudos aprofundados de composição com Karlheinz Stockhausen nos "Internationale Ferienkurse für Neue Musik", Darmstadt.

Em 1997, recebeu o prémio de composição na Exposição "Documenta X" em Kassel, Alemanha.

Foi fundador e Director (1992/95) do Estúdio de Música Electrónica C.C.I.M. Fundou e dirigiu (2000) os *Workshops* de Verão – "olhAres de Outono" na Universidade Católica do Porto.

Em 2004 completou o Doutoramento na Universidade de Paris VIII. As suas obras têm sido apresentadas em importantes festivais internacionais – Musica STRASBOURG, MUSICAVIVA, Festival de Música do Estoril, documenta X – Essen, Bienal S. Paulo, ZKM –

Karlsruhe, World Music Day's, Fundação Calouste Gulbenkian e também por alguns importantes ensembles como AccrocheNote, OrchestrUtopica, Ensemble Modern Frankfurt, entre outros.



Pedro Bittencourt

SAXOFONISTA \ 1975

saxofones

(Três peças do livro da escuridão)

Pedro Bittencourt é saxofonista dedicado à música contemporânea. Nasceu no Rio de Janeiro e desde 2001 vive na Europa.

É doutorando em Estéticas, Ciências e Tecnologias das Artes/Música CICM (Centre Informatique de Création Musicale), Universidade Paris VIII, sob orientação de Horacio Vaggione. A sua tese, "O saxofone como mediador na articulação de composições mistas", tem o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT – Portugal). Artista residente do Institut für Musik und Akustik, do ZKM (Zentrum für Kunst und Medientechnologie) Karlsruhe (projectos "SAX+": Outubro 2006 – Março 2007 e "Ondas segundo Poetas": Fevereiro-Abril 2008).

Fez estudos de saxofone e de música de câmara contemporânea na classe de Marie-Bernadette Charrier, Conservatoire National de Région de Bordeaux/França (Diplôme d'Etudes Musicales et Perfectionnement 2001-2004). Paralelamente às suas actividades profissionais como saxofonista e professor de música, recebeu o título de Master of Arts com uma leitura inédita sobre o "Oresteia" de Iannis Xenakis (DEA Arts et Sociétés Actuelles / Musique-Université Bordeaux III, 2005, direcção Marie-Bernadette Dufourcet e Makis Solomos).

Graduado em Comunicação/Radialismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil no ano 2000. Segundo Grau no Colégio São Bento, Rio de Janeiro.



Pedro Patrício

COMPOSITOR \ MEDIA ARTIST \ 1968

Skypping # 2

2009

Depois de estudar na Escola de Jazz do Porto, frequentou a componente de música electrónica do curso de Composição da ESMAE e fez diversos cursos e *workshops* relacionados com esta temática, nomeadamente com Eugénio Amorim, Clarence Barlow, Gustavo Almeida, Trevor Wishart, Bruce Pennycook, André Bartetzki e Miguel Azguime. Em 2007, foi finalista no Concurso de Áudio experimental no Festival BLACK & WHITE. Em 2008, participou no Projecto SOUND WALK, Centro Cultural de Belém, Festival Música Viva, Lisboa.

Actualmente está a fazer o Doutoramento em Ciências e Tecnologia das Artes: especialização em Informática Musical, na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa.



Ricardo Guerreiro

COMPOSITOR \ MEDIA ARTIST \ 1975

Skypping # 2

2009

Diplomou-se em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa (2000) e em Música Electrónica pelo Conservatório "Benedetto Marcello" (2004) de Veneza, Itália. Frequentou cursos e seminários de composição em Lisboa, Paris (IRCAM – '99) e Darmstadt ('98 e 2000). Frequentou os seminários semestrais de Estética e Iconologia de Giorgio Agamben, respectivamente nas Universidades de Verona e Veneza. Entre 2004 e 2006 foi professor no curso de Vídeo/Som no Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual). Concluiu, em 2007, a licenciatura em Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa. Colaborou, como formador, na ETIC (Escola Técnica de Comunicação e Arte) entre 2007 e 2008.

O seu trabalho centra-se sobretudo, desde 2004, na criação de processos interactivos de composição musi-

cal com electrónica em tempo-real. Enquanto doutorando na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto desenvolve, actualmente, actividade de investigação em Informática Musical no CITAR (Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes).



Rita Torres

COMPOSITORA \ 1977

O mostrengo

2008

Nascida em Lisboa, é licenciada em Engenharia Química (IST, 2002), e concluiu, no mesmo ano, o Curso Complementar de Guitarra da Academia de Amadores de Música. Em 2009 concluirá o diploma em Composição na classe de Wolfgang Rihm, na Escola Superior de Música de Karlsruhe (Alemanha) onde estudou ainda Musicologia e Informática Musical. É professora de guitarra numa escola de música e vive em Karlsruhe.



Vincent Wikström

COMPOSITOR \ MEDIA ARTIST \ 1987

IPulseGuitar (Verschwinden)

Nasceu em Frankfurt-am-Main, Alemanha, estudou música desde jovem. Em 2007, passou a viver em Karlsruhe para estudar "Informática musical" na Hochschule für Musik Karlsruhe. Desde aí envolveu-se no estudo de técnicas de síntese, processamento de sinal, programação de linguagem áudio e composição.

Além disso é também o criador de objectos físicos (além de objectos virtuais no computador), como a Pulse Guitar, cujo desenvolvimento começou em 2008.

>



Vitor Joaquim

COMPOSITOR \ MEDIA ARTIST \ 1963

Skypping # 2

2009

Improvisador electrónico, compositor e artista media, iniciou-se no mundo da música experimental em 1982. Formou-se em cinema nas áreas de som e realização e frequenta actualmente o doutoramento em Computer Music na UCP do Porto. Criou bandas sonoras para dança, teatro, instalações e multimédia. Adepto da experimentação e da improvisação, apresenta-se regularmente ao vivo e participou em diversos festivais e concertos um pouco por toda a Europa, ora a solo ora em colaborações diversas com criadores das mais variadas áreas. Tem editados quatro discos a solo, várias colaborações e mais de uma dezena de participações em editoras nacionais e internacionais.

Paralelamente à sua actividade de criador, dirige desde 2000 os EME, um festival dedicado às novas linguagens musicais e visuais, e acumula também funções de professor e coordenador pedagógico desde 2000.

OrchestrUtopica

KATHERINE RAWDON FLAUTAS

LAURA MARCOS OBOÉ

NUNO PINTO CLARINETES (SIB E BAIXO)

ELSA SILVA PIANO

XUAN DU VIOLINO

JED BARHAL VIOLONCELO

JOSÉ LUÍS FERREIRA ELECTRÔNICA

A **ORCHESTRUTOPICA** (OU) é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um *instrumento* para compositores. Fundada em 2001 – pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas,

e o maestro Cesário Costa – foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. Ao fim de cinco anos já realizou mais de quarenta concertos, em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a OU apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível, os compositores representados nos programas da OU são chamados a participar em fóruns abertos de discussão com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

Nos concertos que já realizou, a OU apresentou inúmeras obras encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar até agora com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier Cuendet, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krüs e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboram com a OU que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

A **ORCHESTRUTOPICA** beneficiou de um subsídio plurianual do Ministério da Cultura / Instituto das Artes (2003, 2004 e 2005/2008) e, desde a temporada de 2006/2007, é **“orquestra em residência no CCB”**.

CCB

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO PRESIDENTE ANTÓNIO MEGA FERREIRA VOGAL ANA ISABEL TRIGO MORAIS VOGAL MARGARIDA VEIGA

CENTRO DE ESPECTÁCULOS direcção do centro de espectáculos MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR
ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO SECRETARIADO DE direcção LUÍSA INÉS direcção de produção CARLA RUÍZ produção PAULO BARBOSA | JOÃO OLIVEIRA | INÉS CORREIA
PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTÊZ ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGOIRÓ DIRECTOR DE CENA E COORDENADOR JONAS OMBERS DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA
ASSISTENTE DE direcção DE CENA ISABEL BOAVISTA SECRETARIADO DE direcção DE CENA YOLANDA SEARA ESTAGIÁRIA TÂNIA AFONSO DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO
SECRETARIADO DE direcção TÉCNICA SOFIA MATOS TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS | LUÍS SANTOS | RAÚL SEGURO TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VITOR PINTO
CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | RODRIGO OLIVEIRA | RUI CROÇA CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO
EDUARDO NASCIMENTO | LUÍS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY
TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA | LUÍS TEIXEIRA | VITOR HORTA

WWW.CCB.PT

ORCHESTRUTOPICA

DIRECTOR JOSÉ JÚLIO LOPES DIRECTOR MUSICAL CESÁRIO COSTA PRODUÇÃO ÉLIO CORREIA

PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL PAULA GOMES RIBEIRO PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL ANDRÉ SÁ MACHADO

MAESTROS CONVIDADOS YU FENG (CHI) | DAVID ALLEN MILLER (EUA) | ODALINE DE LA MARTINEZ (GB) | TAPIO TUOMELA (FIN) | FABIÁN PANISELLO (ARG) | JEAN-SÉBASTIEN BÉREAU (FR) | OLIVIER CUENDET (SUJ)

SOLISTAS CONVIDADOS ANA ESTER NEVES SOPRANO (POR) | NICOLE TIBBELS SOPRANO (GB) | FREDRIK BURSTEDT VIOLINO (SE) | YEREE SUH SOPRANO (COR-S) | MONIQUE KRÜS SOPRANO (NE) | GUILLAUME GROSSBARD VIOLONCELO

COMPOSITOR-RESIDENTE JOÃO MADUREIRA (2004) | NUNO CÔRTE-REAL (2005)

A ORCHESTRUTOPICA É UMA ASSOCIAÇÃO CULTURAL SEM FINS LUCRATIVOS

COPYRIGHT © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 E 2009, ORCHESTRUTOPICA E ANTÓNIO PINHO VARGAS, CARLOS CAIRES, CESÁRIO COSTA, JOSÉ JÚLIO LOPES E LUÍS TINOCO

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS | O LOGOTIPO E A DESIGNAÇÃO ORCHESTRUTOPICA SÃO PROPRIEDADE DA ORCHESTRUTOPICA ACSFL

A ORCHESTRUTOPICA É UMA ESTRUTURA APOIADA FINANCIERAMENTE PELO INSTITUTO DAS ARTES – MINISTÉRIO DA CULTURA (2003, 2004, 2005/2008)

CONTACTOS LARGO DO CARMO, 18, 1.º ESQ., 1200-092 LISBOA, PORTUGAL \ TEL/FAX + 351 213 474 148 \ GERAL@ORCHESTRUTOPICA.EU WWW.ORCHESTRUTOPICA.EU



FESTIVAL **FERVOR DE BUENOS AIRES**

CCB

ROSA-DOS-VENTOS MAURÍCIO KAGEL

ORCHESTRUTOPICA

CESÁRIO COSTA MAESTRO

DOMINGO

15 MAR

PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO

17H

A OrchestrUtopica é o primeiro agrupamento português a apresentar peças da *Rosa-dos-Ventos* (*Die Stüke der Windrose*) de Maurício Kagel (1931-2008), um dos mais inovadores e originais compositores do século XX.

M / 6 ANOS

PROGRAMA

MAURÍCIO KAGEL

DIE STÜKE DER WINDROSE (PEÇAS DA ROSA-DOS-VENTOS)

NORDEN, NORDESTEN, NORDWESTEN, SÜDOSTEN, SÜDWESTEN E WESTEN